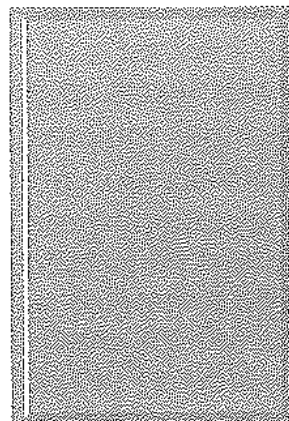


José Roberto Garcia¹

***O período de pré-instalação
da Escola Técnica Estadual
Fernando Prestes: O processo de
urbanização da cidade de Sorocaba²***

¹ Professor no curso de Sistemas de Informação da Universidade de Sorocaba – Uniso e mestrando pela mesma instituição. *E-mail:* jose.garcia@uniso.br

² Trabalho apresentado no “II Congresso de Educação da Uniso – Dez Anos de Transformações: Tendências e Respostas”, realizado entre os dias 16 e 18 de novembro de 2005, em Sorocaba – SP.



RESUMO

Este texto tem por objetivo discorrer sobre o processo urbanizador da cidade de Sorocaba, desde o chamado período de glória do tropeirismo, meados do século XIX, até a fase de consolidação do processo industrializador que se inicia no final do mesmo século e abrange as duas primeiras décadas do século XX. É, também, objetivo do texto demonstrar o interesse da classe capitalista sorocabana, em função das transformações ocorridas com a industrialização, em preparar mão-de-obra que suprisse adequadamente as necessidades da produção e da indústria.

Palavras-chave: Escola Técnica; Escola Profissional Mista; Escola Profissional; Tropeirismo.

ABSTRACT

The first purpose of this text is to explain the urbanization process of Sorocaba, from the so called "glorious muleteer period" in the early 19th century, to the consolidation of its industrialization process, which had began in the first decades of the 20th century. The second purpose of this text is to show how the demand of the capitalist class, regarding labor, shifted during the industrialization process, seeking to qualify labor to supply its ever growing park.

Keywords: Technical School; Profesional School for men and woomen; Profesional School; Muleteer.

INTRODUÇÃO

A instalação da Escola Profissional Mista, hoje denominada Escola Técnica Estadual Fernando Prestes, insere-se num período de intensas transformações que aconteceram, tanto em Sorocaba quanto na capital do Estado, nos anos anteriores, e que se seguiram à abolição e ao advento republicano, transformações essas motivadoras de um expressivo processo urbanizador que se iniciara em meados do século XIX, mais precisamente nos anos 50 e 60, quando “o tropeirismo viveu seu período de glória. Entravam, anualmente, aproximadamente 50 mil muares. Juntamente com esse crescimento na venda de animais, as atividades urbanas foram sendo incrementadas. Centenas de novos equipamentos como comércio, manufaturas, serviços públicos, privados, ruas etc. instalaram-se no espaço urbano, modificando e acrescentando a ele novos significados”. (STRAFORINI, 2001)

A continuidade do processo urbanizador se dá, também, com a criação, através de Luís Mateus Maylasky, da Companhia Sorocabana, que “só se converteu em realidade a partir do instante em que seus dirigentes passaram a apresentá-la como uma via de ligação — tornada indispensável pela Guerra do Paraguai (1864/1870) — entre a Fábrica de Ferro São João Ipanema e a capital paulista” (BONADIO, 2004, p. 129). A Companhia Sorocabana recebeu autorização para funcionar através do Decreto n. 4729, de 24 de Maio de 1871, “com o propósito de construir uma via férrea a partir da fábrica de Ipanema à cidade de São Paulo, passando por Sorocaba e São Roque, e não um ramal de Itu a Sorocaba”. (GASPAR, 2003, p. 35)

O recuo para meados do século XIX se faz necessário para tentar entender a formação e estruturação das classes sociais, as diversas profissões perenizadas e aquelas surgidas durante o período analisado, e como esses componentes influenciaram na vinda da Escola Profissional Mista para a cidade.

Na historiografia da educação sorocabana, na área do ensino profissional, mais especificamente sobre a Escola Profissional Mista, existem poucos trabalhos monográficos¹. Assim sendo, este trabalho, apoiando-se em al-

¹ Consegui localizar dois trabalhos sobre a instituição: Oliveira, Afonso Celso de. *Tudo começou na Escola Profissional*. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Prefeitura Municipal de Sorocaba; Secretaria da Educação e Cultura: FAGED; Conselho Municipal de Cultura, 1995. O outro refere-se ao projeto de instalação de Centros de Memória nas oito escolas profissionais mais antigas do Estado de São Paulo: Moraes, Carmen Sylvia Vidigal;

guns autores que escreveram sobre a história de Sorocaba e outros que escreveram sobre a educação brasileira na citada área, pretende suprir lacunas de informação, contribuindo para o avanço dos estudos nesta área e nesta cidade.

Os serviços públicos e as concessões

Com relação aos melhoramentos públicos e saneamento básico, Almeida (2002) indica que “o primeiro calçamento das ruas de Sorocaba foi com pedras não lavradas, irregulares, tal como ainda se vê, p.ex. em Ouro Preto”. E que “a calçada da rua da Ponte foi principiada em 1815, e em 1832 ainda estava em obras”. Escreve, também, que o primeiro paralelepípedo foi assentado na prefeitura, em 1921, e que, a 1º de Maio de 1902 é que jorrou, no velho chafariz da praça da Matriz, a água do manancial de Cubatão; até 1903, foram-se completando as ligações domiciliares de água e esgotos. Entre 1908 e 1909 foi construída a adutora do Itupararanga; em 1908, os serviços de água e esgoto chegaram ao bairro Além-Ponte.

Em 1895 é dada concessão de luz e força elétrica aos irmãos João e Vicente Lacerda, que adquiriram o material necessário na Inglaterra. Eles montaram a usina com um motor a lenha e um gerador, não conseguindo, porém, a voltagem necessária. Em setembro de 1900 a cidade foi iluminada pela primeira vez; porém, em dezembro do mesmo ano, continuando ruim o serviço, a Câmara retirou a concessão dos irmãos Lacerda. Em 1901 A J Byington recebeu o espólio dos Lacerdas e imediatamente melhorou a luz, que apagava à uma hora da madrugada. Em 1902 Byington obtém o privilégio da usina hidroelétrica, vendendo-o, em 1905, aos Lichtenfels Sênior e Junior que, canalizando a água diretamente do rio, sem represá-la, constroem uma usina no salto do Rio Sorocaba. Em 1911, a Light, aqui denominada “São Paulo Electric”, compra os privilégios e a usina, esta com força de 2000 cavalos. Em 1912 a Light possui 2000 operários, entre eles hindus, trabalhando na construção da represa e da usina de Itupararanga. (ALMEIDA, 2002)

As primeiras comunicações telefônicas com São Paulo, serviço explorado por Antonio Pereira Inácio, acontecem em 1912, existindo, porém, em

1911, comunicações telefônicas da cidade com a represa. Em 1912 Roberto Rankim, aparentemente representando os interesses da “São Paulo Eletric”, obtém o privilégio para a linha dos bondes e, em 1915, passa essa concessão à Light. A partir de 31 de dezembro de 1915, os bondes começaram a circular. Um pouco antes, 1907, Bernardo Lichtenfels Junior comprou, em São Paulo, um carro, que foi trazido para Sorocaba de trem, tornando-se o primeiro proprietário e condutor da cidade. Surgem os primeiros carros de aluguel em fins de 1911 e começo de 1912. “Em 1913, são tantos, que a 1º de Julho o prefeito baixou um ato regularizando o trânsito”. Em Setembro de 1915 desceu em Sorocaba o primeiro avião, fazendo, até 1916, os primeiros vôos. (ALMEIDA, 2002)

Saúde, filantropia, educação, lazer e os grupos dominantes

Segundo Almeida (2002), em 1804 é fundada pelo governador Antonio José de Franca e Horta e pelo capitão-mor Francisco José de Souza, português do Porto, a Irmandade da Misericórdia — Santa Casa, que começa a funcionar na igreja Santo Antônio, hoje largo do mercado. A partir de 16 de fevereiro de 1845, a Irmandade da Misericórdia é transferida para a Rua Dr. Álvaro Soares, sendo conhecida na época como Rua do Hospital. A Rua do Hospital logo se transformou num dos principais pontos de comércio; por isso o Hospital de Caridade aí situado, como era conhecida a Irmandade, precisou passar por um processo de adaptação às novas exigências do centro urbano, reforma essa acontecida somente em meados de 1880. (BADDINI, 2002). Em 1925, a diretoria da Santa Casa era composta, entre outros, por Major Abílio Soares — provedor; João Cancio Pereira — vice-provedor; João Ferreira da Silva — 1º. Secretário; Fernando Rios — 2º. Secretário; Cel. João Evangelista Fogaça — Tesoureiro; Luiz Pereira de Campos Vergueiro, Renato Mascarenhas; Frank J. Speers. (CRUZEIRO ..., 1925, p. 23). Fernando Rios, em 1914, era o secretário da Loja Maçônica Perseverança III (IDEM, 1914, p. 6). Segundo Baddini (2002), na década de 1880, uma outra opção de tratamento foi oferecida à população urbana: o Hotel dos Convalescentes, organizado em 1886 pelo Dr. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, na sua Chácara São Bento, situada na estrada da Água Vermelha. “Era uma opção cara de tratamento, acessível às famílias mais abastadas. Sua indicação sugere, assim, a disponibilidade de recursos de parte da população da região”.

Em 09/10/1918 foi inaugurado o Manicômio “Dr. Luiz Vergueiro”, sendo seus fundadores Dr. Bráulio de Mendonça Filho, Cap. Augusto César do Nascimento, Dr. Julio Bierrenbach de Lima, Prof. Joaquim Silva. A primeira diretoria era composta por Aninha Sucupira Kenworthy — presidente; Julia de Sá Bierrenbach — vice-presidente; Prof. Lucia de Barros — 1^a. secretária; Mercedes Piquet de Mendonça — 2^a. secretária; Amélia César do Nascimento — tesoureira. A diretoria, em 1924, era composta, entre outras, por Julia de Sá Bierrenbach — presidente; Regina Cretella de Alvarenga — 1^a. secretária; Mercedes Piquet de Mendonça — 2^a. Secretária. (CRUZEIRO..., 1925, p. 23)

Em 02/02/1917, com o objetivo de amparar meninas órfãs, foi fundado o Asilo Santo Agostinho, tendo sido assistido pelas irmãs clarissas. Eram componentes da diretoria, em 1925, Luiz Pereira de Campos Vergueiro — presidente; Joaquim F. de C. Pires — vice-presidente; Péricles Pilar Gomes — 1^o. secretário; Ireno Tienghi — 2^o. secretário; Antonio Gambetta de Mesquita — tesoureiro; constando como participantes da comissão de contas João Tiburcio dos Santos, Antonio J. Castronovo, Brás Laino. (IDEM, 1925, p. 23). Por iniciativa de Isaltino Costa, Arthur Gomes, Antonio Felisberto de Oliveira e Augusto Sherepel, em 26/06/1902 foi fundada a Filantropia Sorocabana — Vila de São Lázaro, com o objetivo de atender aos portadores de lepra. Em 05/06/1913, a diretoria estava assim composta: Luiz Pereira de Campos Vergueiro — presidente; Cel. Manoel Nogueira Padilha — vice-presidente; Ricardo Marcos de Madureira Moreira — tesoureiro; Cap. José Antão de Arruda — 1^o. secretário; Renato de Mascarenhas — 2^o. secretário. Outra entidade filantrópica fundada foi o Asilo São Vicente de Paulo. Sua primeira diretoria estava assim constituída: José Pereira da Silva Barros — presidente; Antonio Guilherme da Silva — secretário; Luiz da Costa Coimbra — procurador. Entre 1913-1914 a diretoria era composta por: Cap. José Antão de Arruda — presidente; Ten. Oscar de Barros — secretário; Estanislau Joaquim de Almeida — tesoureiro; Hermógenes de Oliveira — procurador. (WERNECK, 2006). Em 1925 participavam da diretoria, entre outros, Cap. José Antão de Arruda e Hermógenes de Oliveira. (CRUZEIRO ..., 1925, p. 23)

Com relação às escolas e colégios, escreve Almeida (2002), registre-se a existência, já em 1834, de duas escolas, masculina e feminina. O primeiro colégio de meninas, com internato e semi-internato, que ensinava música, trabalhos e gramática, foi o de dona Guilhermina Clotilde da Cunha e Silva e seu esposo Joaquim José da Costa e Silva, tendo funcionado na rua das Flores entre 1848 e 1851; em 1874, um colégio primário com aula de músi-

ca, sendo proprietários Antonio Pedro de Cerqueira Leite e sua esposa, e o “Colégio União”, internato, de José Raimundo de Vasconcelos; em 1882 abriu-se o externato do Dr. José Francisco Ulhoa Cavalcante; em 1886 havia, para meninas, o colégio “Coração de Jesus”, de Dona Brasília Dutra e Silva, educadora baiana. Segundo dados estatísticos de 1872, a cidade contava com “duas escolas públicas para cada sexo e cinco particulares”. (ALMEIDA, 2002, p. 327). Em 1914, existiam 20 escolas, sendo: 3 particulares, 5 municipais, 12 estaduais; 3 também com períodos noturnos; 3 com classes masculinas, femininas e mistas; 4 com classes masculinas e femininas; 8 somente com classes mistas; 1 com classes masculinas e mistas. (WERNECK, 2006). Em 1929, o número total de estabelecimentos escolares existentes era de 43 escolas, sendo 38 masculinas, femininas ou mistas; 5 grupos escolares; 1 ginásio; 1 escola profissional; 1 escola normal; 4 escolas noturnas reunidas, e várias particulares. (A CIDADE ..., 1929, p. 271, 274, 276)

A existência de dois teatros em Sorocaba data da década de 1830-1840 e é reflexo das divisões políticas na cidade. O grupo de Tobias e dos Lopes de Oliveira, adeptos do partido Liberal, funda o São Rafael em 1835; o grupo de Almeida Leme, adeptos do partido Conservador funda o Santa Clara. O São Rafael foi fundado pela sociedade Bela União Sorocabana com ações subscritas por membros das famílias Tobias e Lopes de Oliveira. Obra grandiosa, abrigou, em 1935, a Prefeitura Municipal, posteriormente a Câmara de Vereadores e, atualmente, abriga a FUNDEC — Fundação de Desenvolvimento Cultural de Sorocaba. O Santa Clara, muito menor, foi fundado por conservadores em 1839, e passou para a Irmandade de São Benedito em 1873. A primeira loja maçônica, Constância e Amizade, data de 1847, sendo seu principal fundador o Doutor João Feliciano da Costa Ferreira. A segunda loja maçônica, Perseverança III, foi fundada em 1869, com a participação de Luís Mateus Maylasky, por Ubaldino do Amaral. (ALMEIDA, 2002). A fundação do Gabinete de Leitura Sorocabano é datada de 13 de janeiro de 1867, estando entre os seus primeiros diretores os Srs. Luiz Matheus Maylasky — presidente; Virgílio Augusto Araújo — vice-presidente; Joaquim Pereira de Vasconcellos — 1º. secretário; Francisco Berendet — 2º. secretário; Jeremias Wenderico — tesoureiro; Francisco José da Piedade — bibliotecário. A diretoria, nos anos de 1913-1914, era composta pelos seguintes senhores: Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro — presidente; Ten. Isaltino de Almeida — vice-presidente; Cap. Joaquim A Rolim de Arruda — 1º. secretário; Renato Mascarenhas — 2º. secretário; Cap. José Antão de Arruda — tesoureiro

e bibliotecário. (WERNECK, 2006). No quadro de diretores do Gabinete de Leitura Sorocabano, em 1924, figuravam: Prof. Aristides de Campos — presidente; Cap. Joaquim A. Rolim de Arruda — vice-presidente; Péricles Pilar — 1º. secretário; Miguel Pereira — 2º. secretário; Prof. Antonio Funes — tesoureiro; Cap. José Antão de Arruda — bibliotecário. (CRUZEIRO ..., 1925, p. 3). Sorocaba contava, também, em 1925, com a Rádio Sociedade de Sorocaba, estando envolvidos o Cap. João Clímaco de Camargo Pires, Francisco de Camargo César, Paschoal Verlangieri, Edgard Sampaio, Ernesto Pimenta (IDEM, p. 2). O jornal Cruzeiro do Sul, em 1925, era administrado (proprietário e diretor-gerente) por Joaquim F. de Camargo Pires e, em 1929, por Antonio J. Castronovo.

Sorocaba, em 1925, era administrada pelo prefeito Cap. João Clímaco de Camargo Pires; na presidência da Câmara dos Vereadores, o Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro; eram vereadores Cel. João Evangelista Fogaça, Cap. José Antunes Soares, Cap. Francisco Euclides da Silva, Honório de Almeida Barros, Cap. Jugurtha Neves, Cap. João Nóbrega de Almeida; secretário e arquivista Francisco de Camargo César (IDEM, p. 17). O Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro foi, também, Deputado Estadual pelo 4º Distrito (WERNECK, 2006). O Cap. João Clímaco de Camargo Pires e o Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro participaram, também, da Grande Comissão pró-Diocese, cujo objetivo era o de instalar a diocese em Sorocaba (CRUZEIRO ..., 1925, p. 4). O Partido Republicano tinha entre seus membros participantes do diretório de Sorocaba: José de Barros — presidente, Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro — secretário, Augusto César do Nascimento Filho, Elias Lopes de Oliveira, Dr. João de Almeida Tavares, Bellarmino Gonçalves Rosa, Joaquim Eugênio Monteiro de Barros, João Evangelista Fogaça, Manoel Ferreira Leão e Francisco Euclides da Silva. (IDEM, 1920, p. 1)

As atividades mercantis urbanas e o nascimento dos bairros

Segundo Straforini (2001), a partir de 1870, as atividades mercantis urbanas apresentaram crescimento em alguns setores e se estabilizaram em outros, mesmo tendo ocorrido grande queda no volume de negócios efetuados através da feira de muares. No setor de comércio destacava-se a presença significativa de bares/botequins e armazéns de secos e molhados, resultado da própria dinâmica de uma sociedade que se organiza, à espera das feiras.

Os estabelecimentos comerciais, na sua grande maioria, eram pequenos e médios, e seus proprietários não pertenciam às classes mais abastadas. Diferentemente dos demais estabelecimentos, as lojas de tecidos eram as que mais davam lucros, sendo que muitos dos proprietários eram importantes personalidades na sociedade, acumulando riqueza, possibilitando emprestar dinheiro a terceiros, tornando mais rendosos seus negócios e, inclusive, investindo capital na indústria. As oficinas compunham um dos mais importantes papéis no quadro produtivo, produzindo mercadorias voltadas para o mercado interno, dos tropeiros e para todos os que procuravam na feira de Sorocaba produtos mais baratos. Enquanto houve feira na cidade, destacaram a manufatura têxtil, os curtidos de couro, os lombilheiros, ferreiros, sapateiros e ourives. A manufatura têxtil em Sorocaba era exercida nas chácaras, fazendas e sítios, por homens livres e escravos, para consumo da família e venda das sobras. Os lombilheiros usavam couro cru para determinados objetos e arreios. Havia também os serigoteiros que trabalhavam em suas casas. Os ferreiros produziam argolas, freios, correntes de ferro e outros acessórios. Os sapateiros destacavam-se dentre aqueles que possuíam oficinas. Estes não apenas consertavam, mas, principalmente, confeccionavam sapatos. Existiam ainda os ourives que produziam para os tropeiros mais abastados acessórios como argolas, correntes, guizos, chapas para selas, estribos, cavalos de relho, fivelas e copos, tudo em prata. Destacava-se, também, a indústria da cal. Estas se localizavam nos bairros da cidade, não havendo nenhuma na área urbana. “Outras categorias profissionais identificadas em época de feira de animais eram os artistas, os tocadores de instrumentos musicais, os retratistas e os relojoeiros”. (BADDINI, 2002, p. 245)

Segundo Bonadio (2004), durante o auge do ciclo do tropeirismo, são abertas as ruas Santa Clara, do Conselho (Ubaldo do Amaral), Coronel Cavalheiros, Santa Cruz, Cesário Mota, Sete de Setembro, dos Prazeres (13 de Maio), Professor Toledo, Moreira César, largo da Independência (praça Nove de Julho), Direita (Bulevar Braguinha) e do Hospital (Dr. Álvaro Soares). Com a abertura das atuais ruas Comendador Oeterer e Hermelino Matarazzo inicia-se a ocupação do futuro bairro do Além-Linha e, com o surgimento das ruas de São Paulo (hoje, uma avenida), dos Morros (Coronel Nogueira Padilha) e Rui Barbosa, o povoamento do Além-Ponte. Como os “gaúchos deixavam as suas tropas na vasta campanha que deu o nome a Campo Largo ou nos campos do Tinga (Itinga)” (ALMEIDA, 2002, p. 267), iniciava-se, assim, o povoamento do Cerrado.

A arquitetura, os componentes de construção, as modas e costumes também se alteravam. “As rótulas de madeira acabaram-se com as taipas de pilão. De 1875 em diante, e um pouco antes, são as primeiras casas de tijolo e cal. Não eram muitas porque os pobres faziam ranchos no arrabalde [...]” (ALMEIDA, 2002, p. 337). Ainda segundo Almeida (2002), surgem mantilhas, xales, chapéus, estes específicos para várias ocasiões, inclusive para luto.

As atividades agroindustriais e os seus proprietários

Em 1850, segundo Almeida (2002), exportava-se pano de algodão para todos os municípios vizinhos e para a comarca de Curitiba, arreios feitos, tranças e redes em grande quantidade para as províncias do Rio e Minas e algum fumo para Curitiba. Existiam, também, em 1850, sete fazendas de café, proporcionando a venda de uma pequena parte para Curitiba. As fazendas de café situavam-se na serra de São Francisco, no Caguaçu, e em Pirapora. Eram fazendeiros de café: Joaquim de Souza Ferreira; Manuel Ribeiro de Arruda, este na serra de São Francisco; capitão Antonio Soares de Barros, no Caguaçu; João Rodrigues Cordeiro (Barão de Mogi-Mirim) e José Ferreira Braga, estes dois últimos em Pirapora. Além do algodão e do café, Sorocaba contava, ainda em 1850, com dez donos de engenho de açúcar: João Bernardino Vieira Barbosa, no Jundiacanga; Vicente Ferreira dos Santos Silva, que herdou do alferes José Luiz Antunes Vieira, em Iperó ou vizinhanças do Campo Largo; João Pires de Arruda, nos Morros; José Loureiro de Almeida, em Pirapora; João Ferreira de Almeida; Joaquim de Souza Ferreira, na Boa Vista; Dona Ângela de Madureira e Souza, na Fazenda São Francisco e Francisco Lopes de Oliveira.

Em 1863, segundo Bonadio (2004), destaca-se como plantador de algodão Manoel Lopes de Oliveira, “maior fortuna do município”; Francisco Gonçalves de Oliveira Machado, prestigioso chefe político local também iniciara o plantio de algodão. É interessante observar que, em 1881, Manoel Lopes de Oliveira é um dos nove membros eleitos para participar da Comissão Permanente do Partido Republicano, participando, inclusive, do quadro diretor da Sociedade Propagadora da Instrução Popular, instituição que também teria mantido o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo². Entre os

² Moraes, 1990, p. 63, nota de rodapé n. 164.

membros da diretoria do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e, mais especificamente, no conselho diretor do ano de 1887, consta Manoel Lopes de Oliveira. (MORAES, 1990). Em 1896, Manoel Lopes de Oliveira e Asdrúbal do Nascimento são eleitos, pela assembléia dos sócios para o Conselho Superior do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo³.

A história industrial e seus reflexos

A década de 1865-1875 foi importante para a história industrial de Sorocaba. A transformação mais típica, notada desde 1864, deu-se a invasão das chaminés e do barulho dos motores a vapor, dentro da cidade e em toda essa década. Eram as máquinas de beneficiar algodão. Na Inglaterra, cujas fábricas necessitavam de algodão por causa da guerra civil nos Estados Unidos, o algodão “de Santos” fez sucesso. (ALMEIDA, 2002). Porém, foi com a inauguração, em 1882, da Fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte, de Manoel José da Fonseca, também proprietário de uma grande loja de comércio de tecidos, que a industrialização tomou impulso. A iniciativa valorizou o mercado urbano, e a existência de uma estação da ferrovia na cidade permitia acelerar o escoamento da produção.

A ferrovia era o grande símbolo de progresso, representando um modelo racional de vida urbana, estimulando iniciativas ousadas de setores urbanos no caminho da industrialização. “Não foi por acaso que o mesmo grupo que instalou a Companhia Sorocabana em 1870 organizou, no ano seguinte, uma sociedade anônima denominada ‘Indústria Sorocabana’ para a criação de grande fábrica de tecidos”. (BADDINI, 2002, p. 269). Segundo Werneck (2006), em 1911, tornou-se sócio da Fábrica Nossa Senhora da Ponte o capitalista carioca Joaquim Soares Fernandes.

Em 24 de outubro de 1890, George Oeterer e Frank Speers (seu genro que conhecera na SPR) fundam a empresa Santa Rosália, com recursos garantidos por Francisco de Paula Mayrink. (BONADIO, 2004). Moraes (1990, p. 98) cita, na década de 1880, mais precisamente em 1882, a presença de “F. de Paula Mayrink, banqueiro no Rio de Janeiro”, como diretor da Companhia Carris de Ferro de São Paulo, e que muitos dos acionistas dessa companhia eram acionistas do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

³ Moraes, 1990, p. 97, nota de rodapé n. 72.

Em 1892 foi organizada a Fábrica Santa Maria. Tinha como diretores o inglês Alexandre Marchisio, ex-gerente da fábrica de Manoel José da Fonseca, Joaquim Silvério Junior, Francisco de Souza Pereira, Gabriel Dias de Oliveira e José Loureiro Junior. A produção foi iniciada em 1896, mas a empresa pouco progrediu. Foi comprada por Hermann Burchard que morre pouco depois. Em 1903, o inglês John Kenworthy chega a Sorocaba e compra a Fábrica de Fiação e Tecelagem Santa Maria em sociedade com o filho Alberto e os genros Francisco de Sales Gomes, Bento Pires de Campos e Alcebíades Campos. Constrói, entre 1908 e 1909 a Fábrica São Paulo; entre 1910 e 1913 constrói a Fábrica Santo Antonio; em 1909 constituiu-se a Companhia Nacional de Estamparia — Fábrica Kenworthy. (BONADIO, 2004)

No final do século XIX, segundo Bonadio (2004), Sorocaba contava com um número de unidades empresariais maior que a capital: cinco fábricas de móveis, três de chapéus, uma de calçados, a de extração de calcários e granitos em Itupararanga, três de fiação e tecelagem — Nossa Senhora da Ponte, Santa Rosália e Santa Maria — e a estamparia de chitas de Votorantim. Em 1914, o parque industrial de Sorocaba estava bastante desenvolvido, contendo 6 fábricas de cerveja com destaque para a Fábrica de Cerveja Ítalo-Brasileira, de Luiz Baddini; 3 fábricas de macarrão; 4 de sabão, 4 de arreios, 3 de flores artificiais, 1 de louças, 3 de carroças, 1 de cadeiras, 1 de explosivos, 1 de gelo, 1 de ladrilhos, 1 de camas de ferro, 1 de caixas de papelão; 14 olarias, 5 tipografias, 2 serrarias, 18 fornos de cal, 6 moinhos de fubá e torrefação de café, 2 engenhos e fábricas de aguardente, 2 fábricas de calçados, 2 fábricas de chapéus, sendo uma de Francisco de Souza Pereira e outra de João Evangelista Fogaça; 1 fábrica de óleo pertencente a Antonio Pereira Inácio; 1 fábrica de malhas, de José de Cunto; 6 estamparias, fiação e tecelagem; usina geradora de eletricidade; ferrovia; jazidas de mármore e ardósia em Votorantim. (WERNECK, 2006). “O setor têxtil surge no bojo de um processo de acumulação de capital e encontra já desenvolvida a mecanização dos processos produtivos” (RIBEIRO, 1988, p. 187). O Banco União, que comprou a Fábrica Votorantim e as terras, tinha, em 1890, entre seus diretores o senador Lacerda Franco e o Cel. João Batista de Mello Oliveira. Em 1913, Alfredo Maia e o senador Lacerda Franco aparecem como diretores da Cia. Paulista de Estradas de Ferro (MORAES, 1990). Alfredo Maia foi quem cognominou Sorocaba como a “Manchester Paulista”. (WERNECK, 2006). Em 1913, eram diretores do Banco União os senhores Asdrúbal Augusto do Nascimento, Dr. Carlos de Campos e Dr. Francisco da Cunha Bue-

no. (WERNECK, 2006). Asdrúbal do Nascimento, juntamente com Manoel Lopes de Oliveira, como citado anteriormente, participou do Conselho Superior do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Em 1924 existia em Sorocaba o Banco de Sorocaba, constando entre seus diretores Frank J. Speers — presidente; Hélio Monzoni — gerente; O Malheiros — gerente; R Oliveira — gerente. (CRUZEIRO..., 1925, p. 16)

Tendo como precursores, nos anos de 1850, o alemão Simão Venceslau Razzl, fundador da primeira fábrica de chapéus, e o húngaro Antonio Rogick, que a adquiriu, a fábrica pioneira foi vendida, em 1883, para o médico inglês João Henrique Adams, genro do Barão de Mogi-Mirim, e para o capitalista Francisco de Souza Pereira. Em data posterior, Coats Vilela, antigo viajante da fábrica, torna-se um dos sócios. Como Vilela desentendeu-se com Adams, Francisco de Souza Pereira compra a parte do médico. Em 1901 Vilela também se retira, ficando a propriedade apenas com Francisco de Souza Pereira. Ele e seus sucessores a mantêm em funcionamento até 1932. Uma segunda fábrica de chapéus, em 1870, é montada na cidade. Seu fundador foi Teodoro Kaisel, antigo gerente de Rogick. Percebe-se, dessa forma, que a atividade chapeleira também era uma atividade importante. (BONADIO, 2004)

Entre 1883 e 1887 novas fábricas, de pequeno e médio porte, foram organizadas na cidade, destinadas à produção de bens de consumo como calçados, chapéus, louças, colchões, massas, licores, vinho, cerveja, café em pó. “A participação de estrangeiros foi fundamental na instalação desses estabelecimentos, pois traziam técnicas e experiências que os moradores da cidade não possuíam, além de capital disponível para novos empreendimentos”. (BADDINI, 2002, p. 270)

Na década de 1880, “como reflexo de uma cidade que se moderniza, instalaram-se escritórios de advocacia e consultórios médicos, para atender uma população cada vez mais afeita a um modo de vida próprio dos grandes centros”. (BADDINI, 2002, p. 244). Ainda nessa década, conforme a mesma autora, o que se observa é a visita de especialistas, entre outros, como “Callista”, “moléstias de senhoras”, “ocullista”, “especialista em hérnia e papo”, preferindo esses médicos, assim como os dentistas, o primeiro semestre do ano para virem à cidade. “Nessa mesma época, as lojas multiplicaram-se, maiores e mais sortidas, acompanhando o ritmo de uma população que crescia e tornava-se mais exigente. Abriram-se novos hotéis, restaurantes e charutarias para atender uma categoria diferenciada de visitantes, que cobrava a oferta de serviços especializados”. (IDEM, p. 272)

Iniciando-se no final do século XIX e avançando para o início do novo século, surgem muitas entidades com o objetivo de defender os interesses dos trabalhadores e também dos imigrantes: Sociedade Beneficente e Protetora dos Chapeleiros, em 1890; Società Operaria Italiana Umberto I, em 1885; Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro e Sociedade Beneficente dos Empregados da Companhia União Sorocabana e Ituana, ambas em 1896 (BONADIO, 2004). A primeira organização anarquista a se constituir em Sorocaba foi a Liga de Resistência, fundada em 06 de Abril de 1902. Também se organizam associações de resistência e ligas setoriais de trabalhadores, articuladas a uma liga geral.

Entre o final da primeira e início da segunda década do século XX, cresce entre os trabalhadores a luta pela redução da jornada de trabalho, muito longa, como era de praxe nas empresas de todo o país; pela melhoria de salários e contra os abusos cometidos pelos prepostos do capital, no interior das empresas contra os assalariados e até mesmo contra a liberdade dos operários de gastarem livremente sua modesta remuneração. (BONADIO, 2004, p. 256).

Ainda segundo Bonadio, nessas lutas cumpre papel destacado o jornal “O Operário”, quinzenário e depois semanário, que circula de 1909 a 1913, fazendo eco, entre os trabalhadores, das teses defendidas pelo jornal de oposição da classe média, “A Cidade de Sorocaba”. Em agosto de 1917 explode a greve geral, inclusive em todas as fábricas de Sorocaba. O Banco União, responsável pela Fábrica Votorantim, não podendo pagar o aumento de salário e os três meses que estavam atrasados, além de outras dificuldades oriundas da 1ª Guerra Mundial, faliu. O resultado foi miséria e gente esmolando. (ALMEIDA, 2002). Segundo Ribeiro (1988, p. 169), “Inúmeras fábricas após a greve adotaram a jornada de oito horas”.

Neste momento histórico, a maioria dos trabalhadores qualificados era, como se sabe, de origem imigrante e altamente resistente às investidas de controle do capital sobre o processo de trabalho. A necessidade de diminuir a influência deste tipo de operário e, ao mesmo tempo, exercer maior controle sobre a produção e reprodução do trabalhador coletivo, impõe a adoção das estratégias propiciadas pela organização científica do trabalho. (MORAES, 1990, p. 229).

Assim, teve início em 1924 “a iniciativa pioneira de ensino sistemático de ofícios, notadamente para as ferrovias, com a criação da Escola Profissional Mecânica no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Seu objetivo estra-

técnico seria dar uma 'resposta técnica' à conquista operária da jornada de 8 horas de trabalho". (CUNHA, 2000, p. 131). Nesse aspecto, segundo Moraes (1990, p. 222),

a escolha dos métodos de ensino está perfeitamente articulada aos fins colimados de moralização do trabalhador". Há que se destacar, também, que Sorocaba era, em 1936, o "mais importante centro industrial do interior, em cujo parque 20 mil operários se dedicam às mais variadas e proíficas atividades fabris e ferroviárias. (SILVEIRA, 1937, p. 42).

CONCLUSÃO

Percebe-se, pelos estudos realizados, que a urbanização da cidade de Sorocaba teve como seu principal fator a feira de muares, que fomentou o surgimento de bairros e de vários tipos de comércio e oficinas, necessários ao atendimento do grande público que chegava de todas as partes do Brasil. Assim, as atividades urbanas tornaram-se a base da economia sorocabana, atraindo muitos comerciantes, manufactureiros, profissionais liberais, pequenos industriais, bem como atividades artísticas, culturais e de lazer. O comércio de tecidos, área geradora de maior lucro, explorado por importantes personalidades da sociedade, proporcionava a acumulação de capital e permitiu, juntamente com outros fatores, entre eles, o capital agroexportador algodoeiro, que existiu por um curto período de tempo, a construção da primeira fábrica de tecidos da cidade. A construção desta, aliada à construção da Estrada de Ferro Sorocabana, permitiu o enriquecimento da dinâmica urbana existente, demandando, conseqüentemente, novas profissões e um novo modelo de trabalhador.

Outro aspecto importante diz respeito à forte centralização da propriedade, em que um indivíduo ou grupo detém interesses em mais de um estabelecimento, sejam eles de fiação e tecelagem de algodão, comércio, telefonia, ou mesmo ações na ferrovia, e em mais de uma cidade ou estado. Em determinado momento o interesse estende-se, também, para a área educacional. Dessa forma, "durante mais de trinta anos, o setor têxtil, contando com a abundância da força de trabalho e a inexistência de limites à exploração dessa mesma força, encontrou condições para sua expansão". Integrantes desses grupos participavam, ativamente, da política local, bem como, nas entidades assistenciais, culturais, de lazer, nos meios de comu-

nicação (jornais e rádios), na maçonaria e em comissões formadas pela Igreja Católica, mantendo, inclusive, estreitas ligações com a política estadual e federal e com capitalistas cariocas e paulistas.

No início da segunda década do século XX intensifica-se a luta dos trabalhadores, a maioria de origem imigrante, “pela redução da jornada de trabalho, pela melhoria dos salários e contra os abusos cometidos”, culminando com greve que parou as fábricas sorocabanas. Os industriais, tentando obter maior controle sobre o operariado e organizar o processo produtivo, enfatizam a necessidade de preparação “científica” da mão-de-obra, ou seja, que são objetivos da escola profissional a “prática material de qualquer profissão” e “a formação moral do operário, sua constituição em cidadão apto, competente, operoso, moralizado”, significando que “na era atual, o obreiro educado e consciente de seus deveres e direitos, unido ao patrão no trabalho comum, será a base do progresso e da prosperidade em que se assentará a Pátria, a grandeza de suas instituições’. Portanto, à escola profissional caberia ‘educar a personalidade, mais do que instruir’. (MORAES, 1990, p. 222). Nesse contexto surgem as escolas técnicas. Se Sorocaba já havia dado demonstração de seu prestígio político, ao receber autorização para a construção da ferrovia, demonstra novamente a força desse prestígio, ao conseguir, através da Lei número 1860, datada de 30 de dezembro de 1921, autorização para o funcionamento da Escola Profissional Mista de Sorocaba. Apesar de autorizada a funcionar, a escola só iria iniciar suas atividades em 1929.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aluísio. *Sorocaba: 3 séculos de história*. Itu, SP: Ottoni, 2002. 416 p.
- BADDINI, Cássia Maria. *Sorocaba no Império: comércio de animais e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002. 308 p.
- BONADIO, Geraldo. *Sorocaba: a cidade industrial*. Sorocaba, SP: LINC, 2004. 300 p.
- CRUZEIRO DO SUL. Sorocaba, SP, n. 2451, p. 06, 12 jun. 1914. Projeto Memória. Digitalizado em: <<http://memoria.fua.org.br>>. Disponível em: <www.cruzeironet.com.br> Acesso em: 03 abr. 2006.
- _____. n. 4103, p. 01, 26 fev. 1920. Projeto Memória. Digitalizado em: <<http://memoria.fua.org.br>>. Disponível em: <www.cruzeironet.com.br> Acesso em: 03 abr. 2006.

_____. n. 5478, p. 3, 4, 16, 17, 23, 01 jan. 1925. Projeto Memória. Digitalizado em: <<http://memoria.fua.org.br>>. Disponível em: <www.cruzeironet.com.br> Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. n. 5517, p. 02, 18 fev. 1925. Projeto Memória. Digitalizado em: <<http://memoria.fua.org.br>>. Disponível em: <www.cruzeironet.com.br>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. p. 171, 274, 276, 1929. Projeto Memória. Digitalizado em: <<http://memoria.fua.org.br>>. Disponível em: <www.cruzeironet.com.br>. Acesso em: 31 mar. 2006.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização*. São Paulo: UNESP, 2000. 244 p.

GASPAR, Antonio Francisco. *Histórico do início, fundação, construção e inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana: 1870-1875*. Sorocaba, SP: LINC, 2003. 241p.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *A socialização da força de trabalho: instrução popular e qualificação profissional no estado de São Paulo — 1873 a 1934*. 1990. Tese (Doutorado) — Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, SP, 1990.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. Campinas, SP: HUCITEC, 1988. 207p.

SILVA, Rodolfo Ernesto da. *A evolução territorial do Município de Sorocaba*. Sorocaba, SP: LINC, 2002, 270 p.

SILVEIRA, Horácio A. da. *Relatório 1936 — Superintendência da Educação Profissional e Doméstica*. Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública — Estado de São Paulo, 1937. Publicação n. 9.

A CIDADE de Sorocaba em 1929. Projeto Memória. Digitalizado em: <<http://memoria.fua.org.br>>. Disponível em: <http://memoria.fua.org.br/intendencia_municipal_1929/>. Acesso em: 31 mar. 2006.

STRAFORINI, Rafael. *No caminho das tropas*. Sorocaba, SP: LINC, 2001. 130 p.

WERNECK, Bráulio. *Almanach Ilustrado de Sorocaba, 1914*: repositório histórico, literário e recreativo, com ilustrações. Reimpresso. Taquarituba, SP: LINC, 2006. 270 p.

Endereço do autor:

José Roberto Garcia

Rua Arthur Caputti, 14 — Jardim Guarujá

Sorocaba, SP

CEP 18.050-601